



---

# EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INOVADORAS: UMA REVISÃO<sup>1</sup>

## SCHOOL PHYSICAL EDUCATION AND INNOVATIVE PEDAGOGICAL PRACTICES: A REVIEW

\*Felipe Quintão de Almeida

### RESUMO

Este artigo oferece uma revisão do conceito de inovação pedagógica no campo da Educação Física. Após um esclarecimento a respeito da história desse conceito na educação, descreve, com base nos estudos consultados, as características de um professor e de uma prática inovadora no ensino dessa disciplina.

**Palavras-chave:** Educação Física; Inovação Pedagógica; Boas Práticas; Docência.

### ABSTRACT

This paper presents a review of the concept of pedagogical innovation in the field of Physical Education. After elucidating the history of this concept in education, it describes, based on the literature review, the characteristics of an innovative teacher and practice in the teaching of Physical Education.

**Keywords:** Physical Education; Pedagogical Innovation; Good Practices; Teaching.

Recebido em: 11/07/2017  
Aprovado em: 31/08/2017

---

\*Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES  
Email: fqalmeida@hotmail.com

---

<sup>1</sup> Este artigo foi apresentado na mesa-redonda "Educação Física escolar e práticas pedagógicas inovadoras", no "V Congresso Brasileiro de Educação Física do Centro-Oeste, II Congresso Internacional de Educação Física do Centro-Oeste e I Simpósio Internacional de Pedagogia do Esporte do Centro-Oeste".



## **INOVAÇÃO PEDAGÓGICA: UM ESCLARECIMENTO**

O universo acadêmico contemporâneo tem sido permeado pelo discurso da inovação ou da criatividade permanente. Trata-se de um debate bastante abrangente e controverso. Abrangente porque atravessa inúmeros campos do conhecimento, desde as ciências naturais até as ciências humanas. Controverso por ser objeto de muita disputa sobre o seu significado e alcance. Talvez isso explique sua atualidade. Um exemplo desse fato é que a Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), que ocorreu no mês de julho de 2017, na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), teve como tema central **Inovação/diversidade/transformações**.

Apesar da atualidade, essa não é uma discussão recente. No campo da educação, por exemplo, trata-se de uma reflexão, visto que já tem uma tradição. Essa história, descrita por alguns autores (GARCIA, 1980; GOLDBERG, 1980; WEREBE, 1980; WANDERLEY, 1980; BLANCO; MESSINA, 2000; MESSINA, 2001; FULLAN, 2002; CARDOSO, 2003), ensina a respeito dos contornos que a inovação assumiu nas últimas décadas. Com ela é possível aprender que o termo foi importado para a educação do mundo da produção e da administração e que, nos anos de 1950-1960, os teóricos da inovação concebiam-na como um processo em etapas previsíveis, desde a gestação até a implementação e generalização. Na década seguinte, inovação passou a ser entendida como uma proposta predefinida para que outros a adotassem e (re) produzissem modelos em seus respectivos contextos educacionais (MESSINA, 2001). A partir dos anos 1980, essa perspectiva foi adotada como bandeira por grupos que definiam as políticas no campo da educação, sendo a inovação concebida como mudanças desde “cima”, como mecanismos de ajuste mais do que de satisfação das demandas dos atores a que se destinava. Segundo Tedesco (1997), assim compreendidas, as inovações foram esforços gerados nos níveis centrais dos sistemas de ensino que regulamentaram e uniformizaram a inovação. Como decorrência, em nome da inovação, legitimaram-se propostas

conservadoras, homogeneizaram-se políticas, práticas e se promoveu a repetição de propostas que não consideravam a diversidade dos contextos sociais e culturais. Esse histórico da inovação é o que levou Pensin e Nikolai (2013) a concluírem que o conceito esteve historicamente associado às orientações tecnicistas de ensino e aprendizagem, de maneira que nem toda proposta de mudança foi capaz de produzir inovação ou, então, de recriar práticas educacionais já cristalizadas.

Dos anos 1990 para cá, contudo, o conceito e a prática da inovação na educação transformaram-se significativamente, assumindo uma conotação multifacetada e polissêmica, não havendo consenso a seu respeito (MESSINA, 2001; MATOS, 2010). Desde então, os textos produzidos destacam o caráter autogerado, intencional, sistemático e diverso da inovação. Também se enfatiza que a inovação

[...] é algo aberto, capaz de adotar múltiplas formas e significados, associados com o contexto no qual se insere. Destaca-se, igualmente, que a inovação não é um fim em si mesma, mas um meio para transformar os sistemas educacionais. Como corolário dessas premissas tem-se reafirmado a ideia de que a inovação é antes um processo que um acontecimento [...]. A partir desses princípios, a inovação foi definida como processo multidimensional, capaz de transformar o espaço no qual habita e de transformar-se a si própria. Ao mesmo tempo, os teóricos da inovação se interessam pela apropriação por parte dos atores, pela continuidade dos esforços inovadores e pelo papel integrador que corresponde a um significado compartilhado sobre a inovação (MESSINA, 2001, p. 227).

As críticas produzidas e as reordenações teóricas introduzidas possibilitaram que a inovação assumisse uma dimensão emancipatória, capaz, na interpretação de Zanchet e Cunha (2007), de promover “rupturas paradigmáticas” no campo da educação. Segundo essa concepção,



[...] la innovación es aquella práctica protagónica de enseñanza o de programación de la enseñanza, en la que a partir de la búsqueda de la solución de un problema relativo a las formas de operar con uno o varios componentes didácticos, se produce una ruptura en las prácticas habituales que se dan en el aula de clase, afectando el conjunto de relaciones e la situación didáctica. Nota: La innovación como ruptura, implica la interrupción de una determinada forma de comportamiento que se repite en el tiempo; en consecuencia se legitima, dialécticamente, con la posibilidad de relacionar esta nueva práctica con las ya existentes a través de mecanismos de oposición, diferenciación o articulación (LUCARELLI, 2003, p. 99).

## **INOVAÇÃO PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO FÍSICA: REVISITANDO A PRODUÇÃO**

Considerando essa “breve história” do conceito e assumindo essa definição de Lucarelli (2003), é possível atribuir ao conhecido “movimento renovador” da Educação Física, a partir dos anos 1980, um esforço original no sentido de incentivar inovações nas práticas pedagógicas na perspectiva de promover uma “ruptura paradigmática” no que se refere à sua tradição. Nessa época, segundo Silva e Bracht (2012), a intenção de mudança da prática pedagógica adquiriu um caráter mais imediatamente político. Ou seja, o critério central para julgar a inovação era sua contribuição para a transformação (ou não) da sociedade capitalista.

Não entrarei no mérito, aqui, de discutir os acertos e os limites teórico-político-metodológicos desse movimento de renovação e de sua “(in) capacidade” de promover mudanças na “prática”. Já há, no campo, material a esse respeito (CAPARROZ, 2001; OLIVEIRA, 2001; MACHADO; BRACHT, 2016). É inegável,

contudo, que a renovação pretendida, a despeito do hiato que ainda persiste entre a teoria e a prática da renovação, induziu a alterações no âmbito da disciplina, o que é visível, entre tantos outros exemplos, nas arqui-conhecidas abordagens pedagógicas ou metodologias de ensino, que popularizaram, na área, outros modos de se conceber a Educação Física e seu objeto de estudo (a cultura corporal, a cultura corporal de movimento ou, se quiserem, a cultura de movimento).

Apesar disso, o conceito de inovação ou de prática pedagógica inovadora não recebeu um tratamento mais “preciso” por parte daquele movimento. Na área, a categoria só recentemente recebeu tratamento teórico mais aprofundado, sendo, inclusive, objeto de algumas pesquisas. Situado, a esse respeito, duas investidas de análise que se ocuparam de delimitar o que seria uma prática pedagógica inovadora nas aulas de Educação Física escolar<sup>2</sup>. Sinto-me à vontade para descrevê-las, pois pude, às vezes mais, às vezes menos, acompanhar os movimentos da investigação em ambos os casos, especialmente os que aconteceram na cidade de Vitória e de Florianópolis. Desconheço, na Educação Física nacional, outras iniciativas que se dispuseram a teorizar, especificamente, sobre o conceito de inovação. Isso não significa que o campo não tenha conhecimento de práticas passíveis de serem adjetivadas, à luz da literatura disponível sobre o tema, de inovadoras. Considero, todavia, que o conceito de inovação, ele próprio assumido como objeto de estudo, foi pouco pesquisado e problematizado na área. Nesse sentido, as experiências que aqui descreverei são pioneiras.

Por um lado, o conceito da inovação foi objeto de reflexão de um conjunto de pesquisadores (brasileiros e argentinos) interessados em compreender esse fenômeno no âmbito da Educação Física escolar<sup>3</sup>. Liderados por Valter Bracht (UFES), Fernando González (UNIJUÍ), Paulo Fensterseifer (UNIJUÍ), Santiago Pich (UFSC), Rodolfo Rosengardt

<sup>2</sup> Antes delas, a dissertação de mestrado de Galvão (2002), ainda que tendo como objetivo principal estudar a interação entre professor-aluno, descreveu, ao acompanhar uma professora de Educação Física, algumas características de um “bom” ou “bem-sucedido” professor. No diálogo que estabeleceu com a literatura, ela chegou a citar as competências ou habilidades de um “bom” professor nas dimensões sociopolíticas, técnicas e afetivas. Suas conclusões vão ao encontro das recentes iniciativas referentes à temática.

<sup>3</sup> Além da inovação, foi objeto de reflexão desse grupo o fenômeno oposto, quer dizer, o desinvestimento pedagógico. A esse respeito, conferir Machado et al. (2012), González e Fensterseifer (2006), Pich, Schaeffer e Carvalho (2013), González et al. (2013) e Bagnara e Fensterseifer (2016).



(ILP) e Griselda Amieva Amuchastegui (IPF), uma série de estudos empíricos, realizados em escolas situadas em diferentes cidades do Brasil e da Argentina, foram conduzidos no sentido de compreender o que seria uma aula inovadora na Educação Física. Os resultados desse esforço conjunto de pesquisa, realizados desde pelo menos 2007, podem ser acessados nos artigos de Faria e colaboradores (2010), Faria, Silva e Bracht (2012), Silva e Bracht (2012), Bracht e colaboradores (2017), Fensterseifer e Silva (2011), González (2016), Carlan, Kunz e Fensterseifer (2012), Silva (2013) e Fensterseifer (2016)<sup>4</sup>. Segundo Fensterseifer (2016), as investigações no âmbito desse grupo orientaram-se por quatro dimensões: o processo de transformação da área; as condições objetivas de trabalho; a cultura escolar e sua relação com a Educação Física; as disposições sociais do professor atualizadas no contexto de trabalho. Por outro lado, a inovação na Educação Física escolar esteve no foco de outro grupo de investigadores brasileiros, argentinos e colombianos que procuraram, entre 2007 e 2011, caracterizar o que chamaram de “boas práticas” no ensino da disciplina. Desta vez, liderados por Alexandre Fernandez Vaz (UFSC), Marcus Aurélio Tabora de Oliveira (UFPR)<sup>5</sup>, Antônio Jorge Soares (UFRJ), William Moreno Gómez (UDEA) e Ricardo Crisório (UNLP), investigações empíricas foram realizadas, em suas respectivas cidades, no sentido de formular uma explicação sobre tal fenômeno (VAZ et al., 2011; SOARES; MILLEN NETO; FERREIRA, 2013; RICHTER et al., 2011; CHAVES JÚNIOR; MEURER; OLIVEIRA, 2014; CHAVES JÚNIOR; BERTHIER, 2012; QUINTERO et al., 2012).

No âmbito dessas duas investigações coletivas, a inovação ou as “boas práticas” foram problematizadas a partir de intelectuais muito variados, desde sociólogos, como Bernard Lahire, a filósofos, como Axel Honneth e Michel Foucault, até diversos autores da educação, como Antônio Nóvoa, Michael Huberman, José Gimeno Sacristán, André Chervel, entre outros.

Conceitos diferentes também foram acessados, como “cultura escolar”, “histórias de vida”, “biografias docentes”, “história das disciplinas escolares”, “escola eficaz”, “professor reflexivo”, etc. Cada um deles, além disso, problematizou o fenômeno a partir de realidades educacionais distintas, focalizando instituições educativas que atendem a crianças de zero a cinco anos de idade e também professores inovadores do ensino fundamental e médio.

Considerando essa experiência de pesquisa já acumulada, o que é possível aprender com esses estudos? O que ensinam? Como e por que se adjetivar, a partir deles, uma prática de “boa” ou inovadora?

Um primeiro aspecto, encontrado nas investigações conduzidas por ambos os grupos, é o caráter multifatorial e complexo do fenômeno, o que coloca a dificuldade de caracterizar, *a priori*, o que seria uma prática pedagógica inovadora e, a partir daí, construir uma teoria geral que explicaria os casos de inovação. Segundo a interpretação de Bracht e colaboradores (2017, p. 14), uma série de fatores são determinantes, condicionantes e influenciadores. Esses fatores “[...] não “agem” isoladamente, mas atuam em rede de forma complexa. Complexidade que parece resistir à apreensão de modelos monocausais e mesmo multifatoriais, mesmo porque, além da infinidade de variações possíveis, parecem ter peso diferenciados em diferentes casos”. Entre os diversos elementos que devem ser observados na compreensão do fenômeno, é preciso considerar articulações entre o micro (a cultura escolar) e o macro (a cultura mais geral), entre a vida pessoal e a profissional, entre a história do professor e a cultura escolar específica, entre a história da disciplina no Brasil e a história do sistema educacional, da rede de ensino e da escola específica etc. (BRACHT et al., 2017). É nesse sentido que podemos considerar, na esteira de Vaz e colaboradores (2011), que uma “boa prática” pedagógica se encontra em movimento de permanente reconstrução: não é *um dado*, mas *um possível*.

<sup>4</sup> Uma consequência dessa parceria foi a criação da *Rede Internacional de Investigação Pedagógica em Educação Física Escolar* (Reiipefe). Essa rede cresceu incorporando outros grupos de universidades brasileiras, argentinas e uruguaias. As temáticas também se diversificaram, não englobando, apenas, a preocupação com a inovação e o desinvestimento pedagógico. Maiores informações podem ser acessadas em <http://reiipefe.hol.es/>

<sup>5</sup> Atualmente professor da UFMG. à época, docente da UFPR.



Nessas circunstâncias, definir rígida e previamente o que seria uma “boa prática” ou uma experiência inovadora foi uma decisão evitada pelos investigadores de ambos os grupos. A escolha, ao contrário, foi construir um sentido para a inovação a partir de investigações empíricas (quase todas etnografias escolares) que levassem em conta experiências de professores que poderiam ser julgadas como “boas”. Essa decisão, diga-se de passagem, foi ao encontro do que sugeria a literatura educacional dedicada ao tema, que entendia que práticas adjetivadas de inovadoras precisavam ser entendidas dentro do contexto em que se encontram e a partir dos sujeitos com ela envolvidos (professores e alunos). Nas palavras de Vaz e colaboradores (2011, s. p.),

[...] uma *boa* prática está, para nós, assentada não em um modelo de aula definido à priori, num planejamento pré-estabelecido, ou num padrão determinado. O entendimento da *boa* prática parte, sobretudo, das experiências de trabalho dos professores, das reflexões teóricas e dos questionamentos que tecem sobre suas práticas; da análise e da problematização de pesquisas e debates que a área de Educação Física vem desenvolvendo e nos diálogos que o campo vem estabelecendo com a própria Educação.

Para Chaves Júnior, Meurer e Oliveira (2014, p. 380-381),

Como não está entre os objetivos a elaboração de um modelo explicativo para esquadrihar e classificar boas práticas educativas, entendemos que justamente a pluralidade de contextos oferece índices seguros para indagar sobre boas práticas, que não são iguais ou necessariamente melhores que outras. As práticas observadas são, acima de tudo, práticas contextualizadas, carregadas, como já explanamos, por um agir no mundo necessariamente marcado pela singularidade da cada professor e grupo de alunos em tensão com aquilo que deles se espera. Sendo assim, não é possível alimentar a ingênua pretensão

de localizar aulas perfeitas [...]. Portanto, a própria noção de boas práticas educativas é plural, uma vez que podem existir – e existem – diferentes maneiras de se desenvolver boas práticas<sup>6</sup>.

Assim considerado, o que os grupos de pesquisa fizeram foi compreender o cotidiano da inovação ou das “boas práticas”, quer dizer, o seu processo de construção com o propósito de “[...] publicizá-las e criticá-las, identificando suas potencialidades e limitações” (BRACHT et al., 2017, p. 13).

Uma vez feitas essas ressalvas, identifico, nos estudos conduzidos por esses “dois grupos”, elementos comuns que jogam alguma luz sobre o fenômeno em tela. Assim, todos eles estão de acordo quanto ao fato de que, na Educação Física, a inovação é um fenômeno associado a um questionamento da tradição da disciplina que, como é sobejamente conhecido, remete à sua relação com a prática esportiva (VAZ et al., 2011; FARIA et al., 2010; BRACHT et al., 2017; SILVA; BRACHT, 2012; GONZÁLEZ, 2016; FENSTERSEIFER; SILVA, 2011). Trata-se, também, daquela prática educativa que se coloca na contramão do caráter “de segunda classe”, compensatória ou meramente recreativa da disciplina; de um componente curricular que se depara com a falta de integração com o Projeto Político-Pedagógico e com os demais professores da instituição; que se encontra ausente de discussões e reflexões vinculadas a um projeto para a Educação Física e ao seu papel na instituição (GONZÁLEZ, 2016; VAZ et al., 2011; RICHTER et al., 2011; BRACHT et al., 2017; ALMEIDA et al., 2011; FARIA; MACHADO; BRACHT, 2012; CHAVES-JÚNIOR; BERTHIER, 2012).

Outra característica dos estudos de práticas inovadoras na Educação Física é que, em muitos deles, a inovação ou as boas práticas estiveram relacionadas com o trabalho de professores que procuram desenvolver uma perspectiva crítica de Educação Física. Fensterseifer e Silva (2011) são ainda mais precisos a esse respeito e definem uma prática inovadora como aquela que procura materializar, na intervenção, a proposta da

<sup>6</sup> Apesar desse caráter aberto, esses autores (CHAVES JÚNIOR; MEURER; OLIVEIRA, 2014) pressupõem que uma prática adjetivada de boa precisaria cumprir dois requisitos: desenvolver processos pautados no contato e na transmissão/reelaboração/recriação da cultura; promover a humanização das relações sociais, quer dizer, pelo fortalecimento de vínculos como a alteridade, a solidariedade, a autonomia etc.



cultura corporal de movimento. Intervenção inovadora, portanto, é aquela que consegue traduzir, por meio do movimento, o **saber sobre** a cultura corporal de movimento acumulado ao longo das gerações, enfocando temas que atravessam essa dimensão da cultura (violência, gênero, raça, classe, etnia etc.) e que possibilitariam tratar o corpo além de seu aspecto motriz (RICHTER et al., 2011). Em relação a essa característica, é preciso refletir, como alerta Bracht e colaboradores (2017), se as inovações também não ocorrem no âmbito de perspectivas ditas tradicionais de Educação física ou, então, se elas somente se associam àquelas perspectivas consideradas críticas.

Ainda com a ajuda dos estudos mencionados nessa revisão, podem-se conhecer as características que um professor deveria assumir para que sua prática pudesse ser nomeada de “boa” ou “inovadora”. O que aprendemos com os sujeitos (professores) que participaram das investigações é que a prática “inovadora” pode ser favorecida se identificado (a): uma relação diversificada com a cultura, de maneira que quanto mais ampla for a formação do professor, mas recursos ele pode acessar para conduzir o ensino; o caráter problematizador e intencional da prática, que é favorecido na medida em que o docente tem uma relação diferenciada com a teoria, atuando como intelectual/ intérprete/ tradutor; a atribuição de um sentido crítico ao conhecimento, acompanhado do reconhecimento da dimensão ético-política da profissão; a compreensão da Educação Física como uma disciplina (e não uma atividade) que possui um saber específico a ser transmitido, o que exige mediação pedagógica no sentido de transformá-lo em conteúdo escolar; a introdução de novos conteúdos e de um sistema de avaliação que envolva o aluno nas decisões do que avaliar, como avaliar e mesmo no próprio ato de avaliação; uma disposição para enfrentar as muitas dificuldades que o cotidiano escolar impõe à intervenção pedagógica; um relação inclusiva com os alunos baseada no diálogo fraterno e honesto; um ensino que extrapole os modelos estereotipados de movimento, que seja capaz de introduzir novas práticas e reinventar as tradicionais que compõem o universo da cultura corporal de movimento, ampliando, assim, o

acesso que os alunos têm dessa dimensão da cultura; a capacidade de reinventar/reelaborar os “tempos” e “espaços” escolares em favor de uma organização necessária à transmissão dos conhecimentos (e não somente como forma de controle encerrado em si mesmo); uma diversidade de alternativas metodológicas capazes de levar à apropriação, (re)elaboração e mesmo produção cultural. Essas, entre outras que poderiam ser listadas, são características que não precisam estar em sua totalidade, mas que, quando notadas, evidenciam uma tentativa de romper com uma determinada compreensão da Educação Física que, ao longo dos anos, tem resistido a mudanças.

Causas que podem dificultar a inovação também são descritas em alguns desses estudos dedicados a compreender a inovação. Dentre elas, destaca-se o papel ambíguo da cultura escolar, que pode favorecer tanto a inovação pedagógica quanto o abandono docente. Entre os elementos da cultura escolar que dificultam a inovação, é possível citar: o trabalho isolado em vez de coletivo; a falta de conhecimento, por parte da escola, da função da Educação Física; o não reconhecimento do trabalho que o professor realiza; a relação burocrática e tarefaira que a escola exige dele; a valorização exacerbada da cultura esportiva; a inexistência de infraestrutura e de condições objetivas para realização das práticas etc. Todos esses são elementos que podem impedir o desenvolvimento de “boas práticas”.

Apesar dessas características, muitas encontradas nas culturas escolares Brasil afora, diversos professores conseguem inovar e se engajam em “lutas por reconhecimento” no sentido de obter a valorização da disciplina e da sua intervenção como expressão de uma prática de sucesso (FARIA et al., 2010; BRACHT et al., 2017; FARIA; BRACHT, 2014; FARIA; MACHADO; BRACHT, 2012). Isso evidencia o quão complexa é a questão da inovação, pois professores em condições adversas, lutando biograficamente contra contradições sistêmicas, conseguem construir práticas de ensino que podem ser identificadas como inovadoras. Por outro lado, há o caso daqueles profissionais que, tendo “tudo ao seu lado”, não se sentem motivados para se engajarem em práticas “com



sentido” e prescindem daquilo que é uma característica básica da docência: a vontade de ensinar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para encerrar, e sem perder de vista as ressalvas e o que se pode aprender com as experiências docentes descritas pelos estudos mencionados, diria que uma prática inovadora na Educação Física é aquela que consegue lidar, satisfatoriamente, com o que Betti (2007) chamou de dilema culturalista da Educação Física, ou seja, o fato de a disciplina não se caracterizar por um **saber sobre** a cultura corporal de movimento, mas por uma **ação pedagógica** com ela. Professores que conseguem realizar essa “tradução” diminuem o fosso que ainda persiste quando observamos o grande avanço teórico que o campo experimentou no

terreno da inovação, desde pelo menos o movimento renovador da Educação Física, e sua dificuldade de materializar, na intervenção profissional, as mudanças propostas. Professores inovadores, portanto, são aqueles capazes, assim, de superar, ao menos um pouco, o vazio que se abriu entre “o não mais e o ainda não”, para lembrar aqui da metáfora cunhada por Fensterseifer e González (2007) ao se referirem a *status* da Educação Física após a ruptura com sua tradição. Dito de outro modo, boas práticas são aquelas que conseguem avançar na direção de concretizar, por meio do corpo, aquilo que Bracht (1999) caracterizou como *movimento/pensamento*, ou seja, uma prática pedagógica que não seja nem movimento sem pensamento, nem pensamento sem movimento. No enfrentamento desses desafios repousa, sem dúvida, o futuro de práticas inovadoras ou das boas práticas no âmbito da disciplina.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAGNARA, Ivan Carlos; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Intervenção pedagógica em educação física: um recorte da escola pública. **Motrivivência**, v. 28, p. 316-330, 2016.
- BETTI, Mauro. Educação física e cultura corporal de movimento: uma perspectiva fenomenológica e semiótica. **Revista da educação física**, v. 18, n. 2, p. 207-217, 2007.
- BLANCO, Rosa; MESSINA, Graciela. **Estado del arte sobre las innovaciones educativas en América Latina**. Colombia: Convenio Andrés Bello-Unesco, 2000.
- BRACHT, Valter. **Educação física e ciência: cenas de um casamento (in)feliz**. Ijuí, RS: Unijuí, 1999.
- BRACHT, Valter e colaboradores. **A educação física escolar entre a inovação e o abandono/desinvestimento pedagógico**. Relatório de pesquisa. Vitória, ES, 2017.
- CAPARROZ, Francisco Eduardo. **Entre a educação física na escola e da escola**. São Paulo: Autores Associados, 2001.
- CARDOSO, Ana Paula de Oliveira. **A receptividade à mudança e à inovação pedagógica: o professor e o contexto escolar**. Porto: Edições Asa, 2003.
- CARLAN, Paulo; KUNZ, Elenor; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. O esporte como conteúdo da educação física escolar: estudo de caso de uma prática pedagógica “inovadora”. **Movimento**, v. 18, p. 55-75, 2012.



CHAVES JUNIOR, Sérgio Roberto; MEURER, Sidmar Santos; OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda. Problematizando as aulas de educação física: seriam o acesso à cultura e a humanização das relações sociais elementos constitutivos de boas práticas educativas? **Poiésis**, v. 8, n. 14, p. 365-384, 2014.

CHAVES JUNIOR, Sérgio Roberto; BERTHIER, Luisa. A ocorrência de boas práticas educativas nas aulas de educação física: os exemplos das aulas internas em um colégio estadual de Curitiba-PR. In: CONGRESSO SULBRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 6., 2012, Rio Grande. **Anais...** Rio Grande, RS: Furg, 2012.

FARIA, Bruno de Almeida e colaboradores. Inovação pedagógica na educação física: o que aprender com práticas bem sucedidas. **Ágora para la Educación Física y el Deporte**, v. 12, p. 11-28, 2010.

FARIA, Bruno de Almeida; BRACHT, Valter. Cultura escolar, reconhecimento e educação física. **Revista brasileira de ciências do esporte**, v. 36, n. 2, p. 5310-5323, 2014.

FARIA, Bruno de Almeida; MACHADO, Tiago Silva; BRACHT, Valter. A inovação e o desinvestimento pedagógico na educação física escolar: uma leitura a partir da teoria do reconhecimento social. **Motriz**, v. 18, n. 1, p. 120-129, 2012.

FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo Produção de conhecimento e cooperação acadêmica nos países do Cone-Sul – América do Sul: o caso da Reiipefe. In: SILVA, Paula Cristina e colaboradores (Orgs.). **Territorialidade e diversidade regional no Brasil e América Latina**: suas conexões com a educação física e as ciências do esporte. Florianópolis, SC: Tribo da Ilha, 2016. p. 123-136.

FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo; GONZÁLEZ, Fernando Jaime. Educação física escolar: a difícil e incontornável relação teoria e prática. **Motrivivência**, v. 19, n. 28, p. 27-37, 2007.

FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo; SILVA, Marlon André. Ensaçando o "novo" em educação física escolar: a perspectiva de seus atores. **Revista brasileira de ciências do esporte**, v. 33, n. 1, p. 119-134, 2011.

FULLAN, Michael. **Los nuevos significados del cambio en la educación**. Barcelona, Espanha: Octaedro, 2002.

GALVÃO, Zenaide. Educação física escolar: a prática do bom professor. **Revista mackenzie de educação física e esporte**, v. 1, n.1, p. 65-72, 2002.

GARCIA, Walter. (Org.). **Inovação em educação no Brasil**: problemas e perspectivas. São Paulo: Autores Associados, 1980.

GOLDBERG, Maria Amélia Azevedo. Inovação educacional: a saga de sua definição. In: GARCIA, Walter. (Org.). **Inovação em educação no Brasil**: problemas e perspectivas. São Paulo: Autores Associados, 1980.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime e colaboradores. O abandono do trabalho docente em aulas de educação física: a invisibilidade do conhecimento disciplinar. **Educación Física y Ciencia**, La Plata, v. 15, n. 2, p. 1-12, 2013.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime. Atuação dos professores na educação física escolar: entre o abandono do trabalho docente e a renovação pedagógica. In: SILVA, Paula Cristina e colaboradores (Org.).



**Territorialidade e diversidade regional no Brasil e América Latina:** suas conexões com a educação física e as ciências do esporte. Florianópolis, SC: Tribo da Ilha, 2016. p. 45-70.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. Educação física e cultura escolar: critérios para identificação do abandono do trabalho docente. In: CONGRESSO SULBRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 3., 2006, Santa Maria. **Anais...** Santa Maria, RS, 2006. p. 1-9.

LUCARELLI, Elisa. **El eje de la teoría-práctica en cátedras universitarias innovadoras, su incidencia dinamizadora en la estructura didáctico curricular.** Buenos Aires, Argentina: UBA, FFyL, 2003.

MACHADO, Tiago Silva; BRACHT, Valter. O impacto do movimento renovador da educação física nas identidades docentes: uma leitura a partir da teoria do reconhecimento de Axel Honneth. **Movimento**, v. 22, n. 3, p. 849-860, 2016.

MATTOS, Irelmá Pires Araújo. **Inovação educacional e formação de professores:** em busca da ruptura paradigmática. 2010. 183 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, GO, 2010.

MESSINA, Graciela. Mudança e inovação educacional: notas para reflexão. **Cadernos de Pesquisa**, n. 114, p. 225-233, nov., 2001.

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda. **A Revista Brasileira de Educação Física e Desportos (1968-1984) e a experiência de professores da rede municipal de ensino de Curitiba:** entre a adesão e a resistência. 2001. 399 f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2001.

PENSIN, Daniela Pederiva; NIKOLAI, Dirciane. A inovação e a prática pedagógica no contexto da educação superior. **Unoesc & Ciência**, v. 4, n. 1, p. 31-54, jan./jun. 2013.

PICH, Santiago; SCHAEFFER, Pedro Augusto; CARVALHO, Lucas Prado. O caráter funcional do abandono do trabalho docente na educação física na dinâmica da cultura escolar. **Educação**, v. 38, n. 3, p. 631-640, 2013.

QUINTERO, Sandra Maryory Pulido e colaboradores. Juegos de la Calle: una apuesta transformadora en el territorio escuela-ciudad. **Estudios Pedagógicos**, XXXVIII, p. 327-346, 2012. Número especial.

RICHTER, Ana Cristina e colaboradores. Em busca de boas práticas educativas nas aulas de educação física: é possível pensar a escola como lugar de cultura?. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 17.; CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 4., 2011, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre, RS, 2011.

SILVA, Marlon André. Reflexões acerca do conceito de “boas práticas” em educação física escolar. CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 18.; CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 5., 2013, Brasília. **Anais...** Brasília, DF, 2013.

SILVA, Mauro Sérgio; BRACHT, Valter. Na pista de práticas e professores inovadores na educação física. **Kinesis**, v. 30, n. 1, p. 75-88, 2012.



SOARES, Antônio Jorge; MILLEN NETO, Álvaro R.; FERREIRA, Alexandre da Costa. A pedagogia do esporte na educação física no contexto de uma escola eficaz. **Revista brasileira de ciências do esporte**, v. 35, n. 2, p. 297-310, 2013.

TEDESCO, Juan Carlos. Algunas hipótesis para una política de innovaciones educativas. In: PARRA, Rodrigo e colaboradores. **Innovación escolar y cambio social**. Bogotá, Colombia: FES-Colciencias, 1997.

WANDERLEY, Luiz Eduardo. Parâmetros sociológicos da inovação. In: GARCIA, Walter. (Org.). **Inovação em educação no Brasil: problemas e perspectivas**. São Paulo: Autores Associados, 1980.

WEREBE, Maria José Garcia. Alcance e limitações da inovação educacional. In: GARCIA, Walter. (Org.). **Inovação em educação no Brasil: problemas e perspectivas**. São Paulo: Autores Associados, 1980.

ZANCHET, Beatriz; CUNHA, Maria Isabel. Políticas da educação superior e inovações educativas na sala de aula universitária. In: CUNHA, Maria Isabel. (Org.). **Reflexões e práticas em pedagogia universitária**. Campinas, SP: Papyrus, 2007.

VAZ, Alexandre Fernandez e colaboradores. **Documentação, sistematização e interpretação de boas práticas pedagógicas nos processos de educação do corpo na escola (2009-2011)**. Relatório de pesquisa. Florianópolis, SC, 2011.